

**“UNIDOS NO IDEAL DA RECONQUISTA”:  
A LATINIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA  
APÓS A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE  
E A FORMAÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS**

Gabriel do Carmo Fernandes (FFP-UERJ)  
[gabrieldocarmofernandes@hotmail.com](mailto:gabrieldocarmofernandes@hotmail.com)



BOTELHO, José Mario. A situação da latinização da península Ibérica após a queda do Império do Ocidente e a dialeção do latim. In: \_\_\_\_\_. *História externa da Língua Portuguesa e a formação de seu léxico*. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. p. 58-80

<https://www.americanas.com.br/produto/6044782016/historia-externa-da-lingua-portuguesa-e-a-formacao-de-seu-lexico/>

### RESUMO

Mario Botelho explora o processo da mudança profunda do latim vulgar na descrição de aspectos de sua dialeção, mais especificamente no capítulo 3, intitulado “A situação da latinização da península Ibérica após a queda do Império do Ocidente e a dialeção do latim”, que será tratado nesta resenha crítica. O autor apresenta uma síntese daquelas transformações linguísticas, que se deram após as invasões dos primeiros invasores: os suevos, os alanos e os vândalos, e a dos visigodos, que chegaram mais tarde, dominaram a Península Ibérica e expulsaram aqueles invasores anteriores. O autor se vale de tal situação sociopolítica da península para fundamentar a origem das línguas românicas na modalidade oral – os romanches –, que se desenvolveu desde o século V ao século VIII, quando se deu a emergência dessas línguas.

### Palavras-chave:

Romanches. Línguas românicas. Latinização da Península Ibérica.

### RESUMEN

Mario Botelho explora el proceso de cambio profundo del latín vulgar en la descripción de aspectos de su dialecto, más específicamente en el capítulo 3, titulado “La situación de la latinización de la Península Ibérica después de la caída del Imperio de Occidente y el dialecto del latín”, que será abordado en esta revisión crítica. El autor presenta un resumen de aquellas transformaciones lingüísticas que se produjeron tras las invasiones de los primeros invasores: los suevos, los alanos y los vándalos, y la de los visigodos, que, llegados más tarde, dominaron la Península Ibérica y expulsaron a

aqueles invasores anteriores. El autor utiliza esta situación sociopolítica de la península para fundamentar el origen de las lenguas romances en forma oral – los romances –, que se desarrollaron desde el siglo V al VIII, cuando surgen estas lenguas.

**Palabras clave:**

**Dialetación. Lenguas romances. Latinización de la Península Ibérica.**

O Império Romano destacou-se como uma das maiores potências da história, expandindo suas fronteiras a partir da cidade de Roma, na Península Itálica, para um vasto território que, em seu auge, abrangia quase toda a região da atual Europa, uma relativa parte da Ásia e uma extensa parte do Norte e Nordeste da África. Nessa enorme extensão conquistada, que constituía o Império Romano, dava-se a romanização, que promovia a integração dos povos conquistados por meio da concessão de cidadania, direitos e privilégios, fortalecendo a coesão do Império e da língua latina, que era adotada por todos os povos conquistados. Além disso, o processo de Latinização difundiu a cultura e a língua latina nos territórios dominados, ampliando a influência romana não apenas pela conquista de terras, mas também pela transformação cultural e linguística das populações locais.

Contudo, a partir do século III d.C., o declínio se fez sentir e, pouco a pouco, por diversos motivos, atingiu o glorioso Império Romano, o desestabilizando. A crise era tão grave que, em 395, uma estratégia política, para tentar solucionar aquela crise, fez o imperador Diocleciano dividir o Império em quatro regiões, cada qual governada por quatro imperadores. Contudo, esse regime de tetrarquia não deu certo, pois a crise se desenvolvia, principalmente por causa da disputa daqueles quatro imperadores. Logo, a tetrarquia gerou uma nova crise que, somada às invasões bárbaras, que se intensificavam nas fronteiras com a Germânia, ocasionou na divisão do Império Romano em dois: o Império do Oriente e o Império do Ocidente. No entanto, enquanto o Império do Oriente, com sua capital na rica e bem protegida Constantinopla, prosperava, o do Ocidente vivia uma crise profunda, constantemente abalada pelas invasões de tribos bárbaras nos limites com a Germânia; a crise se agravava e a sua decadência era inevitável.

Já no século IV, muitas tribos bárbaras, após vencer os romanos em disputas locais, recebiam a autorização dos imperadores romanos para ocuparem, como federados, aquelas terras, e a região do império ia ficando cada vez menor: as Províncias das Gálias e a da Germânia foram totalmente ocupadas pelos povos germânicos e a da Britânia, pelos povos

anglo-saxões; Roma ainda detinha o poder das penínsulas Itálica e Ibérica, porém um poder relativamente instável, pois já estava sendo ameaçada pelos ostrogodos ao Norte da Itália e pelos suevos, alanos e vândalos ao Nordeste da Ibérica (Cf. BOTELHO, 2022).

Por fim, no início do século V, em 409, com as invasões dos povos bárbaros, numa ação conjunta dos suevos, alanos e vândalos, ocorre a ruína total; com isso, dá-se o desencadeamento do processo de dialeção do latim, com as variações regionais evoluídas por ação dos substratos locais que aconteciam em cada região.

Tais informações e tantas outras sobre a romanização, latinização e dialeção do latim podem ser encontradas na obra *História externa da Língua Portuguesa e a formação do seu léxico*, do professor doutor José Mario Botelho, que é titular de Língua Portuguesa da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, onde ministra aulas de Filologia e História da Língua Portuguesa na Graduação e de Estudos de Fonética e Variação Linguística no Profletras.

Ao descrever os aspectos da dialeção do latim, mais especificamente no capítulo 3, que nesta resenha crítica será tratado como centralidade, intitulado “A situação da latinização da península Ibérica após a queda do Império do Ocidente e a dialeção do latim”, Mario Botelho explora o processo da mudança profunda do latim. O autor apresenta um panorama das intensas transformações linguísticas, desencadeadas pelas invasões de diversos povos bárbaros, como os primeiros invasores: os suevos, os alanos e os vândalos, e os visigodos, que chegaram mais tarde, dominaram a Península Ibérica e expulsaram aqueles invasores anteriores.

Esse terceiro capítulo está estruturada para, didaticamente e de forma clara, apresentar aos leitores uma visão da transformação, numa descrição histórica e bem desenvolvida do latim vulgar, que continuou sendo usado também pelos invasores após a queda do Império Romano do Ocidente, numa forma dialetada. Logo, o autor demonstra como se deu as etapas dessa mudança profunda do latim, que se transforma em diversos romances (ou romance, como explicita Mario Botelho) até o surgimento das línguas românicas, que se formariam a partir do século VIII.

Cabe pontuar que Botelho, citando Câmara Jr (1985, p. 16), ressalta que, com o fim do poderoso Império, terminou também o processo de romanização, mas, como pontua o autor, houve a continuidade da latinização, isso porque os bárbaros germânicos, “embora fossem vencedores, adotaram muitos elementos da civilização romana (a religião cristã, a

organização político-administrativa, entre outros) e especialmente a língua falada na península – o latim vulgar.” (p. 59). Em outras palavras, a cultura e a língua latina ainda exerciam uma considerável influência sobre os novos conquistadores da península, contudo, sem sombra de dúvidas, os falares dessa região não era mais o latim vulgar, “que passou a se desenvolver independente e diferentemente em cada região, que praticamente se isolaram”, como assevera Botelho (p. 62).

Assim, o latim vulgar, que se desenvolvia totalmente, era uma variação intensiva e sem controle. Por volta do século VI, o latim já bastante modificado pela ação dos substratos – “línguas subjugadas e esquecidas por ações de outra que se lhes impõe” – (p. 60) e dos superestratos – “línguas do povo vencedor, preteridas pela língua do povo vencido” (p. 60), se efetiva em forma de romances – inúmeros romances, cujo conjunto se denomina também “língua cristã”. Pode-se pensar numa “situação de multilinguismo” (Cf. p. 62), onde, em cada região dominada pelos visigóticos, havia um romance diferente do da comunidade vizinha. “Um verdadeiro caos linguístico”, nas palavras de Botelho (p. 62) acontecia naquele período.

Essa língua “meio gótica e meio latina” (Cf. DUARTE DE LIÃO *apud* BOTELHO, 2022, p. 67) convencionou-se chamar “romance” (ou romance), o qual, a partir do latim vulgar, desenvolveu-se de diversas formas ao longo da Península Ibérica. Assim, pode-se entender o romance como “uma comunicação intermediária entre o latim vulgar pós-Império e uma língua românica.” (p. 68). O domínio dos povos góticos-cristãos estendeu-se até 711, século VIII, quando foram derrotados pelos árabes muçumanos que tomaram a península, dando, assim, início a uma nova etapa de mudanças geográficas, culturais e linguísticas. É desse momento histórico a criação do romance “moçárabe”, um falar que mistura o latim vulgar com a língua do dominador, o árabe (Cf. p. 79).

Para Botelho, como apresentado no capítulo em questão, o processo da Reconquista da Península Ibérica foi um momento crucial não apenas para as transformações políticas e culturais, mas também para o desenvolvimento linguístico. Após a invasão islâmica, que trouxe significativas mudanças na configuração cultural e social da região, alguns cristãos ortodoxos, insatisfeitos com a ocupação islâmica, refugiaram-se nas montanhas das Astúrias (localizada no norte da Península Ibérica), num movimento de resistência às investidas dos mouros. Depois de vencer a primeira ofensiva muçulmana em Cangas de Onis, os rebelados sob o comando de Pelágio criam o seu pequeno reino das Astúrias e iniciam um processo de

reconquista territorial. Esse movimento resultou na formação de novos reinos cristãos, como Leão, Aragão, Castela, entre outros; que desempenharam papel central na reorganização da península (Cf. p. 72-7).

A partir dessas entidades político-culturais emergentes, desenvolveram-se também distintas variedades linguísticas. Essas variantes, que haviam começado ao se formar nos períodos anteriores, devido à latinização e ao contato com os invasores bárbaros e árabes, consolidaram-se ao longo da Reconquista, culminando no surgimento de romances regionais. Foi nesse contexto que o latim vulgar, já profundamente alterado, deu lugar a uma série de línguas românicas, cada uma refletindo a diversidade cultural e territorial que marcava os reinos cristãos. Assim, a obra evidencia a estreita relação entre os processos históricos e as transformações linguísticas que moldaram essa região.

Em suas páginas, o professor se apoia em nomes de peso, tais como Mattoso Câmara Jr., Joan Bastardas Parera, Carolina Michaëllis de Vasconcellos e outros, para embasar a sua construção teórica analítica. Também faz uso de mapas e imagens na exposição dos capítulos, o que facilita as visualizações históricas e a absorção dos conteúdos apresentados. Reafirmando assim, como dito antes, a didática que o material tem.

Rico em dados e exemplos do que foi esse momento histórico/linguístico na dialeção profunda do latim vulgar e na consequente formação das línguas românicas, o texto é útil para entender a latinização após a queda do Império do Ocidente, a variação profunda que se dá e como as ações dos povos bárbaros cristãos e dos árabes contribuíram diretamente no desenvolvimento não só dos reinos cristãos, onde surgiram as línguas românicas, como também dos romances, que se transformariam nas respectivas línguas em seguida.

Fazendo uso de uma linguagem concisa, coerente e acessível, Mario Botelho escreve tanto para teóricos que pesquisam sobre a história da formação e desenvolvimento das línguas românicas e/ou do português, quanto para estudantes da graduação, que estão em busca de material para os estudos das disciplinas de Filologia Românica e História da Língua Portuguesa. A construção que faz das temáticas dentro do terceiro capítulo, em específico, é de fácil compreensão e encadeada num fluxo claro de dados históricos e linguísticos que desenvolvem claramente a temática.

Por fim, cabe ressaltar que o capítulo 3 da obra de José Mario Botelho é uma valiosa contribuição para os estudos linguísticos e históricos, oferecendo um panorama detalhado e acessível sobre o processo de

dialetação do latim e o surgimento das línguas românicas na Península Ibérica. Sua abordagem metodológica, amparada por fontes seguras de autores renomados e recursos visuais, não apenas facilita a compreensão dos fenômenos linguísticos e culturais discutidos, mas também reforça a importância de compreender o impacto duradouro da latinização e como as línguas românicas surgiram nesse processo. Trata-se, portanto, de uma leitura essencial tanto para estudiosos da área quanto para estudantes interessados em desvendar as raízes da diversidade linguística românica.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, José Mario. A situação da latinização da península Ibérica após a queda do Império do Ocidente e a dialetação do latim. In: \_\_\_\_\_. *História externa da Língua Portuguesa e a formação de seu léxico*. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. p. 58-80